



ANTIGOS CAIS E LARGO DO VALONGO

NO DIA 23 de julho de 1843, quando os fiéis súditos do Imperador D. Pedro II se apinhavam no Paço (atual edifício do Departamento dos Correios e Telégrafos, na praça Quinze de Novembro), «para depositar aos pés do trono as suas leais e fervorosas homenagens pelo solene aniversário da maioridade de Sua Majestade», entrou no pôrto um paquete inglês, trazendo a bordo um emissário com importantíssima notícia: o casamento do nosso monarca com d. Terêsa Cristina Maria de Bourbon, filha de Francisco I, Rei das Duas-Cicílias e irmã mais moça do Rei de Nápoles e da Grã-Duqueza de Toscana. O contrato de casamento fôra assinado, por procuração, em Viena, aos 30 de maio, respondendo pelo noivo o Principe D. Leopoldo de Bourbon, Conde de Siracusa.

No ano seguinte, a 5 de março, partia para Nápoles a fragata «Constituição», a fim de buscar a Imperatriz do Brasil.



A sua chegada ao Rio de Janeiro, no dia 3 de setembro de 1843, foi um acontecimento memorável:

À tardinha, quando a «Constituição» apontou na barra, seguida por três corvetas e uma nau, salvaram tôdas as fortalezas e vasos de guerra nacionais e estrangeiros surtos no pôrto.

Assim que fundearam os navios, D. Pedro II compareceu a bordo para beijar a mão daquela que já era sua mulher, retirando-se às 8 horas da noite.

Na manhã seguinte — conta Roberto Macedo — a baía do Rio de Janeiro apresentava imponente aspecto. Embarcações embandeiradas, repletas de curiosos, formavam alas, desde a esquadra até o cais de desembarque.

Às 10,15 h, uma corveta brasileira anunciou, por meio de um tiro de canhão, que D. Pedro e sua irmã d. Januária acabavam de partir do Arsenal para receber a Imperatriz.

D. Teresa Cristina desembarcou com alguma dificuldade — é ainda Roberto Macedo quem informa — porque um defeito apenas perceptível (ligeiro arqueamento das pernas) não lhe permitia locomoção fácil.

No cais, tudo festivo. Flores, folhagens, retratos dos augustos noivos, arcos artísticos, povo em quantidade e alas de tropas, que começavam ali e iam terminar no Rossio Pequeno (atual praça 11 de Junho).

A Imperatriz e d. Januária seguiram na frente, em ricas carruagens; depois o Imperador e seu cunhado, irmão de d. Terêsa, D. Luiz de Bourbon, Conde de Aquila (mais tarde consorciado com d. Januária), e imenso cortejo de fanfarras, piquetes, arautos, vereadores, coches, ao longo da rua Valongo (atual rua Camerino), em direção à Capela Imperial (Catedral), onde o bispo capelão-mór procedeu à cerimônia da benção. A seguir, recepção na sala do trono do Paço da cidade. Finalmente, novo cortejo até o palácio da Quinta da Boa Vista.

A fotografia mostra os antigos cais e largo do Valongo, onde desembarcou d. Terêsa Cristina. O modesto largo fôra, pouco antes, embelezado por Grandjean de Montigny, transformando-se na primeira praça monumental do Rio de Janeiro. Vê-se, ao centro, o velho chafariz, formado de uma coluna de granito sustentando no ápice as armas da cidade. O cais (onde é hoje o Armazem 3, na rua Rodrigues Alves) fôra ornado com quatro estátuas de mármore e dois golfinhos de metal.

Após o desembarque, tanto o cais como o largo passaram a se chamar «da Imperatriz», nome que se estendeu à atual rua do Camerino.

Com o correr dos anos, desapareceu o jardim, o chafariz em torno da coluna e o próprio cais. O largo ficou sendo a praça Municipal, mudada depois para praça Barão de Tefé e, desde 1925, incorporada à avenida dêste nome.

Como lembrança, resta ali unicamente, a velha coluna de pedra, triste e abandonada, sem uma inscrição, sem uma data sequer.